

HISTÓRIA DA GRAMATICALIZAÇÃO ITALIANA & NASCIMENTO E EVOLUÇÃO DO PRONOME DE TRATAMENTO “LEI”

Maria Franca ZUCCARELLO (UERJ)¹

RESUMO: É nosso objetivo traçarmos uma panorâmica da gramaticalização italiana, levando em consideração os processos de mudanças de linguagem causados pela inevitável evolução das línguas em todas as suas categorias e, conseqüentemente, motivando o surgimento de novas gramáticas (principalmente as de Alberti, Bembo e Trissino) que acompanham tal evolução, pois a História da Gramática de qualquer língua nunca é tecida com os mesmos fios. Observaremos também o desenvolvimento do pronome pessoal de tratamento “Lei”, acompanhando suas evoluções, que exemplificaremos em algumas poesias dos três importantes autores da literatura italiana e de outros poetas que se destacaram no decorrer dos tempos.

Palavras chaves: História das gramáticas italianas – evolução da língua – pronome pessoal de tratamento

RÉSUMÉ: Notre but est celui d’établir une vision panoramique de la grammaticalisation italienne, sans perdre de vue les changements de langage produits par l’incontournable évolution des langues dans toutes leurs categories, ce qui rend possible la parution de nouvelles grammaires (notamment celles di Alberti, Bembo e Trissino) qui accompagnent cette même évolution puisque l’histoire de la grammaire, de n’importe quelle langue, n’est plus tissée avec les mêmes fils. On remarquera, par la suite, le développement du pronom personnel “Lei”, tout em accompagnement le processus de son évolution qui sera exemplifié à partir de quelques poésis des plus important auteurs de la littérature italienne et d’autre poètes qui sont révélés dans le temps.

1. Introdução

“Por ser a gramatização parte da história da língua, entende-se este processo como sendo aquele que conduz a descrever e a instrumentar a língua na base de duas tecnologias: a gramática e o dicionário”. (Aroux, 1992, p. 65)

Para escrever uma História da Gramática parte-se de um certo tipo de gramática científica, que se julga racional, e expõe-se a história da gramática do país em questão, comensurando-a àquele tipo, isto é, em primeiro lugar em relação aos progressos feitos nas excogitações das categorias gramaticais; em segundo em relação à exatidão com a qual – seguindo aquelas categorias – foram analisadas e entendidas as formas da língua.

As categorias gramaticais surgiram da necessidade de se entender e explicar a relação que intercede entre os elementos da linguagem e os elementos do pensamento, e entre os signos e as coisas: em suma surgiram da necessidade de resolver um problema científico que a consciência percebia. Porém, não se tendo ainda alcançado o conhecimento em seu duplo aspecto – da intuição e do entendimento – e tendo-se reduzido a atividade do espírito à forma lógica, era natural que os produtos dessa atividade parecessem de uma única natureza, fazendo com que tanto os estetas quanto os lógicos procurassem explicá-los somente com o principio lógico. Disto derivou a eliminação da expressão. E esta – que é o produto da elaboração fantástica – foi submetida a uma elaboração lógica, de forma que, tendo-se destruído a expressão, por ter sido dividida em seus pretendidos elementos, forjou-se uma categoria para cada um de tais elementos gramaticais.

Uma vez obtida esta distinção em categorias, era fácil perceber nelas a utilidade no aprendizado da língua. E no decorrer dos séculos, elas [as categorias] se multiplicaram e dividiram, conforme os diversos pontos de vista didáticos, e é previsível que continuarão desse modo, mantendo as chamadas categorias: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, etc.

¹ Maria Franca Zuccarello é Professora Adjunta de Italiano da UERJ.

A professora é Doutora em Língua e Literatura Italiana pela UFRJ em Língua e Literatura Italiana
mfrancazuccarello@superig.com.br

Além disso, a gramática está em conexão com cada um dos tratados que também podem ser conduzidos separadamente, pois é lingüística quando indaga a origem e o desenvolvimento da língua que estuda; é dicionário enquanto registra – nos paradigmas e nos exemplos – muitas palavras; é história quando trata da etimologia e é métrica – e até certo ponto retórica – especialmente quando discursa a respeito da colocação das palavras e das figuras gramaticais.

A tendência à constante evolução é um fenômeno constante em todas as línguas, assim que, no final da Idade Média, o processo de diferenciação do latim em línguas vulgares acentuou-se até aparecerem as diferentes línguas românicas. Tal fenômeno desenvolveu-se com especial rapidez e produziu línguas altamente diferenciadas entre si. Isto se deveu, principalmente, aos seguintes motivos:

1) ao desaparecimento progressivo do modelo lingüístico latino proporcionado por Roma e pelos funcionários do Império;

2) ao ressurgir dos falares locais;

3) ao quase total isolamento de cada região;

4) à escassa difusão do alfabetismo, pois a língua escrita, com seu conjunto de regras a serem obedecidas, freava as tendências de mudanças;

5) à influência das línguas dos povos invasores, tais como Alemães, Normandos e Árabes.

Entre as línguas européias que então se formaram podemos distinguir dois grupos:

a) as línguas neolatinas, isto é, românicas, que se desenvolveram diretamente do latim, nos lugares onde a penetração romana era mais antiga e profunda, e onde a influência lingüística dos conquistadores havia sido menos importante: Itália, Espanha, França e Portugal.

b) as línguas germânicas, que se formaram fora do modelo latino, ao Norte da Europa, onde a dominação do Império Romano havia deixado vestígios mais fracos: Inglaterra e Alemanha.

Neste nosso trabalho intencionamos observar o momento inicial da transformação da língua latina em língua italiana e suas divisões em categorias, detendo-nos, principalmente, em três autores importantes para a história da gramaticalização da língua italiana: Leon Batista Alberti, Pietro Bembo e Giangiorgio Trissino.

Observaremos também as evoluções do pronome pessoal de tratamento “Lei”, exemplificando-as em algumas poesias de importantes autores italianos tais como Dante, Petrarca, Boccaccio, considerados os criadores da literatura e, conseqüentemente, da língua italiana, e outros poetas que se destacaram no decorrer dos tempos, até chegarmos a seus usos na língua atual.

2. A gramatização italiana

A concreta e sistemática elaboração das regras da gramática italiana foi o resultado de dois daqueles efeitos produzidos na literatura do Renascimento pelo cânone humanístico da imitação dos clássicos, ou seja, o culto e o estudo da forma exterior e o desenvolvimento da crítica aplicada ou prática. E a conseqüência foi a triunfante defesa do vulgar contra as línguas clássicas, pressentindo a importância que na metade do século XV assumiria, de forma definitiva, a língua e a sua literatura, produto de duas tendências diversas: a clássica e a romântica.

As primeiras gramáticas italianas têm suas origens no movimento humanístico que consagrou os princípios de imitação dos clássicos e que não podia desconsiderar a Idade Média, pois esta não havia deixado reflexos em vão, retratados pelos três grandes da literatura italiana: Dante, Petrarca e Boccaccio, uma vez que o estudo e a observação do uso que eles faziam do vulgar levaram à preparação das gramáticas da língua italiana. Elas estão relacionadas à poética do Renascimento, e encaminham-se – e isto é o que mais nos interessa observar – em direção a seu objetivo teórico a partir de um impulso de tipo estético.

Em 1495 encontrava-se na *Libreria Medicea* (livraria da família Medici) a *Grammatichetta Vaticana* (assim chamada não por pequena, mas por ser rápida e clara), intitulada *Regole della volgar lingua fiorentina* (*Regras da língua vulgar de Florença*) e guardada até hoje na Biblioteca do Vaticano - Cod. Vat. Reg. 1370. Sua autoria é um pouco duvidosa: há quem diga que o autor foi Leon Battista Alberti, gramático, arquiteto e estudioso das artes em geral, e outros que afirmam ser obra de Lorenzo De' Medici, Duque de Urbino. De qualquer maneira, essa gramática teve o mérito de elevar o desprezado vulgar italiano a língua literária, tanto quanto tinha sido o latim. Por volta de 1466, Leon Battista Alberti cita tal gramática em sua obra *De Compendis Cifris*.

A *Grammatica Vaticana*, portanto, representa, não somente a expressão de uma necessidade prática já percebida num momento de aparente decadência do vulgar (devido ao irromper da cultura humanística), mas uma especial demonstração e aplicação – feitas com fins polêmicos – de um princípio teórico de grande importância, nascido das discussões a respeito da relação entre o latim e o vulgar.

É importante evidenciar a intenção do autor na execução da *grammatichetta* e o seu entusiasmo em esboçar a fisionomia gramatical da língua viva de Florença, a fim de que, ao compará-la com os clássicos, ficasse evidente toda a beleza e a perfeição da língua vulgar, pois seu objetivo não era tanto perspectivo quanto demonstrativo.

Alberti aceitava a nomenclatura e os esquemas do latim e deste usava formas e conexões gráficas, porém ele sentia toda a importância e as virtudes do idioma materno e queria que este fosse tão honrado quanto o anterior ou até mais. O seu interesse pelo vulgar foi tão importante quanto o de Dante Alighieri, pois sua gramática pode ser considerada o último elo de uma longa corrente para a afirmação do vulgar italiano.

A gramática de Alberti, apesar do nome em diminutivo (*Grammatichetta*), era bastante explanadora e seu conteúdo era dividido em oito partes importantes:

1. uso didático dos esquemas e dos paradigmas (declinações e conjunções);
2. observações a respeito das nomenclaturas (em muitos aspectos, idênticas às da gramática latina);
3. acenos de gramática histórica (p.ex. a formação dos substantivos provenientes do ablativo latim);
4. exemplos;
5. algumas formas idiomáticas mais usadas;
6. vícios de linguagem;
7. referimento a outros idiomas não italianos.
8. metodologia de não tratar separadamente as formas e o uso das várias partes do discurso.

Um lugar de mérito na evolução da língua italiana deve-se a Dante Alighieri por ter escrito *De Vulgari Eloquentia*, uma ‘ars gramatica, rhetorica e poetica’, e mais ainda por ter escrito, em vulgar, a *Divina Commedia* e outras obras literárias tão importantes para a literatura italiana e mundial.

A língua que Dante tanto almejava era o vulgar realmente falado por várias classes sociais, dentro das várias formas gramaticais do latim. Então ele, com Petrarca e Boccaccio, alimentou a polêmica entre os humanistas e os defensores do vulgar durante quase meio século e deu início ao Renascimento literário no sentido nacional.

Pietro Bembo – outro gramático e literato por profissão – também imitou os latinos, aplicando à prosa vulgar todas as normas que haviam derivado do estudo e da perfeição destes. Foi ele importante, especialmente, por ter ampliado sua observação a mais categorias e formas gramaticais, e também por ter se baseado nos três grandes escritores da literatura italiana, como também em outros literatos do século XIII e XIV.

Escreveu *Prose della volgar lingua*, o mais importante tratado de gramática da língua italiana do século XVI, no qual tratou de substantivos, adjetivos, artigos ²: Gli articoli hanno molta convenienza co pronomi: eanchora é pronome hanno grande similitudin, con questi nomi relativi qui recitati. Adunque suggereremogli. De pronomi: è primitivi sono questi. Io Tu Esso, questo quello, chostui lui cholui.

pronomes (nestes se deteve bastante, apesar de ser matéria relativamente nova para o vulgar e que define como "voci che invece di nomi si pongono"), ³

E queste voci che al maschio tuttavia si danno, i meno antichi dissero *Egli* et *Eglio* più sovente. *Ella* appresso et *Elle*, che si dano femina, et *Ellino* medesimente, non si sono mutate altramente [...] Ma lasciando da parte quelle del maschio, ha *Ella*, che voce del primo caso è, similmente *Lei* negli altri casi sempre, solo che dove alcuna volta *Lei*, in vece di *Colei*, s'è posta altresí come *Lui* in vece di *Colui*, come io dissi.

tratando ainda do efeito poético de vários sons e do valor onomatopéico das vogais e consoantes.

As *Prose della volgar lingua* dividem-se em três livros: o primeiro esclarece os fundamentos do vulgar, comparando-os aos do latim, e define o vulgar ideal. Aqui Bembo ilustra a questão latim/vulgar dizendo que o latim é uma língua única, e o vulgar decorre deste depois da "corrupção" lingüística em contato com os povos que durante os séculos haviam invadido a Itália. Conclui que o vulgar nasce não como uma língua pura, mas como uma língua nascida da casualidade e que o resgate do vulgar devia acontecer

² TRABALZA, Ciro. *Storia della grammatica italiana*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1908, p. 538

³ BEMBO, Pietro. *Prose della volgar lingua*. Torino: Unione tipografico-editrice torinese, 1931, p. X

pela mão opera dos autores. O segundo livro é uma consideração de caráter retórico, estilista e métrico do vulgar. O terceiro baseia-se sobre a análise da gramática florentina no panorama literário do séc. XIII.

As discussões dos literatos italianos do século XIV não nasceram da disputa para determinar qual nome devia levar a língua, nem da necessidade de reformular o alfabeto, nem de outros motivos deste gênero, mas de razões de ordem estética.

Castiglioni foi um dos primeiros a dizer que a força e a verdadeira regra do falar consistem mais no uso da língua do que em outra coisa, e que sempre é vício usar palavras que não sejam do falar do cotidiano. Ele tinha uma teoria para a formação de uma língua ideal comum italiana, da qual deveriam fazer uso os *'omini nobili e versata nelle varie parti d'Italia'*. É esta a língua dos *cortigiani*, isto é, a língua daquela especial classe de pessoas que foram e se chamaram 'os nobres da corte'.

Em 1527 Giangiorgio Trissino escreveu a *Poetica*, na qual discursou a respeito da língua e da métrica da Toscana. Ele dizia que o italiano comum, áulico, cortesão, o eleito e ilustre a ser usado nas escrituras, obtido da depuração das diferentes pronúncias, maneiras de dizer e vocábulos da língua siciliana, da romana, da toscana, e daquelas que se falavam em outras regiões da Itália, era o mesmo italiano com o qual haviam poetizado Dante, Petrarca e Boccaccio.

Trissino também escreveu, em 1529, uma *Grammatichetta* e, em 1524, havia esboçado um plano de reforma ortográfica na *Epistola delle lettere nuovamente aggiunte nella lingua italiana*, motivo de muitas discussões. Nesta reforma, dizia que se devia eliminar a parte mais vistosa das diferenças entre os vários dialetos italianos, que era a diversidade fonética e ortográfica.

La Grammatichetta é a obra de Trissino que obtem o maior sucesso. É um tratado bastante sucinto, composto por poucas páginas cujos principais assuntos são a morfologia, e as observações gráfico-fonéticas e esquemáticas. O autor faz um completo tratado sobre as partes do discurso, dividindo-as em oito categorias.

O seu alfabeto, mostrado na *Grammatichetta*⁴, tinha trinta e três representações de letras, das quais vinte e oito eram significativas, isto é, que realmente representavam os elementos da voz, e cinco eram ociosas. Das significativas, sete eram vogais e vinte e uma consoantes; e ainda fez outras subdivisões mais detalhadas tanto para as vogais, com as quais formava treze ditongos e um tritongo, quanto para as consoantes, que ainda dividiu em semivogais (quatro líquidas, quatro sibilantes e uma indeterminada) e em consoantes mudas (quatro tônuas, quatro medianas e três gordas). Foi uma classificação bastante detalhada que, talvez por esse motivo, provocou muitas discussões, pois o lema de Trissino "*Tutta Italia e non Firenze ne' Toscana*" condizia com o seu ideal da língua italiana.

A necessidade de se reformar o alfabeto italiano não tinha sido apontada somente por Trissino, pois outros gramáticos já haviam questionado a respeito disso: o problema era que cada região não aceitava imposições de outra de modo que o acordo foi possível somente em raríssimos casos. A questão ficou em aberto, demonstrando a imperfeição do alfabeto italiano por não representar a fonética do vulgar em maneira adequada (ainda hoje, apesar da unidade lingüística da língua italiana, há diversidade de pronúncia entre as diversas regiões).

É importante lembrarmos que, em 1660, Antonino Merello e Pio Mora, também, moviam uma discussão contra a língua florentina na obra *Discorso che fa la lingua vulgare dove si vede il suo nascimento essere siciliano*, e dois anos depois escreviam um novo *Discorso dove si mostra che la Sicilia sia stata la Madre non solo dello scrivere e poetare, ma anco della lingua volgare*, o que confirma a importância da Escola Siciliana no processo da evolução do latim até a língua italiana, processo esse que hoje se quer ignorar.

Antes e depois de Alberti, Bembo e Trissino, vários foram os que escreveram para sistematizar as regras de gramática da nova língua e tomaram por base os escritos de Dante, Petrarca e Boccaccio, os primeiros autores que escreveram, em vulgar, obras imortais, tornando-se, então, dignos de estudos.

O panorama da gramaticalização da língua italiana é muito vasto e não temos a intenção de examinar aqui todo o caminho percorrido pela gramática italiana, pois isso seria um trabalho exaustivo em função de sua amplitude.

Convém lembrar, porém, que no século XIX dois nomes foram extremamente importantes na história da gramaticalização italiana: Francesco De Sanctis e Alessandro Manzoni.

De Sanctis movia-se da gramática para ir ao encontro da ciência, da estética, e conseguiu ver tanto quanto bastava para ser livre em sua crítica, isto é, na manifestação de sua verdadeira personalidade.

⁴ TRABALZA, Ciro. *Storia della grammatica italiana*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1908, p. 508. "L'opera si divide in otto capitoli articolati, rispettivamente, in paragrafi recanti a loro volta il titolo dell'argomento trattato: 'De le lettere, De l'articolo, Del nome, Del verbo, Del participio, Del pronome, De la preposizione, De la congiunzione'".

Manzoni, cuja alma era de artista, movia-se da retórica para a prática, para a técnica, procurando os meios de expressão, ou melhor, combatendo, para vencer, aqueles obstáculos que encontrava em seus coetâneos que tratavam a língua como uma coisa morta, enquanto ele queria falar, queria usar a sua própria expressão, isso é, queria uma língua viva.

Através de vários escritos, demonstra um certo compromisso em relação à unificação da lingüística italiana, teorizando que a língua oficial da Itália unida deveria ser o florentino vivo de seu tempo, e faz observações de caráter gramatical em sua obra *Della lingua italiana*, mas ele mesmo nunca elaborou uma gramática oficial.

Em seu famoso romance, *I promessi sposi*, queria mostrar o falar vivo, a verdadeira causa eficiente das línguas, no caso do Lombardo, pois é ali que a estória se desenvolve. Mesmo assim ele não negava a existência das regras, isto é, de uma fundamentação lógica da linguagem e afirmava os direitos da unidade florentina viva e falada, pois esta, através de seu romance, poderia ser comunicada a todos e conseqüentemente tornou-se, com a maior facilidade e precisão, a língua comum, universal, da nova literatura e da nova Itália.

Houve ainda uma forte ressonância da *Estética de Benedetto Croce*, no que se refere à língua. Nela há dois aspectos distintos: um do progresso absoluto, ou seja, da livre criação individual e teórica, e o outro progresso relativo, isto é, do desenvolvimento regular e da criação teórico-prática coletivas. No primeiro caso a consideração é estética ou estilística, isto é, de história artística, ou crítica literária, ou simplesmente história, no segundo caso é histórica ou evolucionista (de história da cultura, gramática histórica).

Além disso, há uma terceira maneira de considerar a gramática empírica e normativa como subsídio didático. A gramática, quando é cognitiva, perde-se na história literária ou na história da cultura, mas sempre na história; quando, ao contrário, quer ser normativa, e não mais empírica, e quando quer ser filosófica e rigorosa, se anula na estética.

Atualmente, a língua italiana baseia-se em cinco categorias ou palavras variáveis e quatro invariáveis:

a) Partes variáveis: substantivos, artigos, adjetivos, pronomes, verbos;

b) Partes invariáveis: advérbios, preposições, conjunções, interjeições e exclamações, onomatopéias.

3. A evolução dos pronomes pessoais de respeito

Os importantes autores acima citados fazem parte da história da gramatização italiana, e os pronomes pessoais são parte importante da história da gramática italiana.

A palavra *pronome* deriva do latim *pronōmen*, isto é, que está no lugar (*pro*) de um nome (*nomen*).

No latim, aos pronomes pessoais correspondia um sistema demonstrativo, em que os elementos exteriores ao falante ou ao ouvinte (ditos de 3ª pessoa) eram indicados pela sua posição em referência a um ou a outro: *hic* (próximo do falante: *questo*); *iste* (próximo do ouvinte: *codesto*), e uma série de outros pronomes para aquilo que estava além dessas duas áreas demonstrativas. A série era primariamente constituída por três pronomes distintos: *ille*, de valor indicativo preciso (longe do falante: *quello*); *is*, de indicação vaga > aquele que; *ipse* que reiterava uma indicação anterior.

A partir do IV século d.C., os adjetivos *ille* > *quella* e *illa* > *quella* perderam o valor anterior e passaram a ser usados como artigos definidos, dando origem à preposição contraída que o latim não possuía até então, quando os pronomes demonstrativos tinham formas específicas para cada um dos três gêneros (masculino, feminino, neutro) com desinência para os cinco casos fundamentais.

Do latim clássico para o vulgar os pronomes acima desapareceram, menos *ipse* > *esse*, *ipsu(m)* > *essi*, assim como *ille*, *illa*, *illi*, *illu(m)*, *illam* que originaram os artigos.

Já no século VI as formas *elli* < *elli*, singular e plural, e *elle* < *illae* não eram mais usadas. E *eglino*, *ellino*, *elleno* < *illi* se devem à influência da terminação “no” da terceira pessoa plural dos verbos.

A 3ª pessoa masculina no italiano advém de *ille* e *ipse*:

- *ille* (Nom.) > *egli* (*lui*), é a prolongação da forma antevocálica *illi* cujo emprego se estendeu à posição antecônsônica; (Acus.) > *lui*; (Dat.) > *a lui*; (Gen.) > *di lui*; *illi* > *églino* > *loro*; (Acus.) *loro*; (Gen.) *di loro*;

- *ipse* (Nom.) > *esso*; *ipsu* (Acus.) > *esso*; *ipsúi* (Dat.) > *ad esso*; *ipsúius* (Gen.) *di esso*.; *ipsi* (Nom.) > *essi*; *ipsos* (Acus.) > *essi*; *ipsoru* (Dat.) > *ad essi*; *ipsoru* (Gen.) > *di essi*

O feminino de 3ª pessoa singular advém de:

- *illa* (Nom.) > *ella* e (Acus.) > *lei*; *illaei* (Dat.) > *a lei*; *illaeius* (Genit.) > *di lei*

Quando, ao falar ou escrever em italiano, nos dirigimos a um interlocutor a quem devemos respeito, ou a uma pessoa com quem não temos familiaridade, usamos os pronomes *allocutivi* (do latim: *àllòqui*) *di cortesia*, isto é, pronomes para nos dirigir a alguém a quem devemos respeito e cortesia.

Para podermos chegar ao atual pronome de tratamento, *Lei*, é necessário que refaçamos sua história lingüística desde o latim clássico.

Os pronomes de tratamento não eram usados pelos latinos que utilizavam sempre o pronome *tu*, qualquer que fosse o nível do interlocutor: parente ou não, escravo ou patrão. Somente no III século d.C. difundiu-se o *vôs* > *Voi* para se dirigir ao Imperador, em sinal de respeito e submissão. Este uso – parece – ter se estendido na Idade Média: as pessoas com mais idade ou de classe social inferior usavam o *Voi* ao se dirigirem aos mais velhos ou superiores, e estes, ao se dirigirem àqueles, usavam o *tu*. Dante, na *Divina Commedia*, geralmente usa o *tu*, deixando para usar o *Voi* com pessoas pelas quais tinha o máximo respeito.

Começa em 1400 o uso do pronome de terceira pessoa, dirigindo-se a *quella*, *ella*, *essa*, *questa*, *lei*, *Vostra Signoria*, *Vostra Magnificienza*, etc., pronomes de respeito que triunfaram no uso cortesão, em quanto os letrados se esforçavam em manter vivo também o *Voi*, pronome já presente no latim tardio e que, nos tempos mais modernos, teve seu momento de máxima difusão durante o Fascismo, quando se sancionou oficialmente seu uso por ter referência, seja no campo lingüístico seja no poético, à tradição romana (o sonho de glória de Mussolini era a pretensão de re-criar o Grande Império Romano). Nos dias de hoje ainda é usado em algumas regiões italianas e na linguagem comercial em sinal de respeito, e é usado como 2ª pessoa plural.

Os pronomes de cortesia mais difundidos na Itália, são os das terceiras pessoas, que se afirmaram definitivamente nos séculos XV e XVI, devido à influência espanhola de tratar todos de *Senhor*, divulgou-se o uso do pronome de tratamento *Signoria*, desaparecendo as outras formas pronominais *quella*, *essa*, etc. e permanecendo só a forma: *Ella/Lei* (com *Ella* como sujeito e *Lei* para os advérbios com preposição; mas também com *Lei* como sujeito). Na última fase (metade de 1.600), a alocação toma uma fisionomia própria, intermédia entre o *Voi* e o *Vostra Signoria* completo. O *Lei* destaca-se de *Signoria Vostra*, mas os dois pronomes custaram bastante para se afirmarem.

Durante alguns séculos (do séc. XV a meados do séc. XX) na língua italiana, foram usadas as alocações *Lei*, *Voi* e *tu*: as duas primeiras para o tratamento de respeito e as duas segundas para o tratamento confidencial. E aqui o que dissemos merece uma explicação um pouco mais detalhada.

O uso dos pronomes de tratamento mudou nos últimos cem anos: o *Voi* foi imposto em época fascista enquanto o *Lei* era proibido. Caído o Regime, o *Voi* – presente no latino tardio – passou a ser usado para a segunda pessoa plural, isso é, como um plural informal, ou ainda em tom formal em algumas regiões italianas do centro e do sul, ou, com a inicial em maiúsculo, em cartas comerciais. E o *tu* é o singular do *vói*, isto é em tom informal. *Lei* é atualmente o pronome pessoal usado em tratamento de respeito para o masculino e o feminino e o seu plural é *Loro*. O pronome *Ella* é usado muito pouco por ser limitado à burocracia. Do ponto de vista formal, o pronome de 3ª pessoa concorda em gênero e número com o substantivo que substitui e se dirá *Lei* ou *Ella* quer se trate de homem ou de mulher.

4. Os pronomes de tratamento na poesia italiana

A “Escola Siciliana”, incentivada por *Federico II di Svevia*, Imperador das “Due Sicilie”, foi a primeira forma de poesia não mais em latim. Os poetas sicilianos não formaram uma Escola, no sentido moderno da palavra, nem eram todos originários da Sicília, mas pertenciam todos à corte ou ao ambiente intelectual siciliano e não. A poesia siciliana, assim como havia sido a das cortes, não se afastava de um único tema: o amor à dama, escrito com fórmulas fixas. Os sicilianos forjaram uma língua cuja base era o falar siciliano local, purificado em seus detalhes e enobrecido por empréstimos das línguas de *oc* e de *oil*, assim como do latim e de outros dialetos italianos.

Na poesia que segue, da *Escola Siciliana*, o pronome de tratamento era o *Voi*.

[...] *Madonna, dire vi voglio
come l'Amore m'à preso:
inver lo grande orgoglio
che voi, bella, mostrate, e' non m'alta...*

Na poesia toscana, quase contemporânea da siciliana, usavam-se numerosas formas lexicais, gramaticais e estilísticas desta, que se tornara fundadora da tradição e do código poético na Itália.

Na poesia que segue, Guido Cavalcanti, poeta do *Dolce Stil Nuovo*, usa o pronome *Voi*:

*Voi che per li occhi mi passaste 'l core
e destaste la mente che dormia,
guardate a l'angosciosa vita mia,*

che sospirando la distrugge Amore.

E Dante na *Divina Commedia* usa o *Voi* e o *tu*. Na poesia *L'ultimo saluto a Beatrice*, usa o *tu*:

[...] **Tu** m'hai di servo tratto a libertate
per tutte quelle vie, per tutti i modi,
che di ciò fare avéi la potestate.

Petrarca também usa o pronome *tu* na poesia *Estasi*, dedicada a Laura:

*Mio ben non cape in intelletto umano:
te solo aspetto, e quel che tanto amasti,
e lá giuso è rimasto, il mio bel velo”.*

Nesta outra poesia, o autor cômico-realista, Cecco Angiolieri, usa o pronome *tu*:

- Dio **tel** perdoni - E che, non **te** ne vai?
- Or potess'io! - Tègnoti per li panni?
- **Tu** tieni 'l cuore.
- E terrò co' **tuoi** guai.

E Boccaccio, que escreveu do Amor em prosa, usa o *Voi* e o *tu*. Nesta *novella* usa o *tu*:

*Al quale la donna disse: “Tancredi, serbati coteste lacrime a meno desiderata fortuna che questa, né a me le dare, che non le desidero. Chi vide mai alcun altro che **te** piangere di quello che egli ha voluto?”*

Em 1.500 Angelo Poliziano, assim como Lorenzo De' Medici, usa o *tu*:

*Deh, non insuperbire per **tua** bellezza,
donna, ch'un breve tempo **te** la fura:
canuta tornerà la bionda trezza
che del bel viso adorna la figura.*

Vincenzo Monti, um dos poetas mais significativos do séc. XVIII, usa o pronome *tu*:

[...] adorata mia donna,
t'aspetterò cantando,
finché **tu** giunga, le **tue** lodi; e molto
de' **tuoi** cari costumi...
(Per l'onomastico della sua donna)

E usa o pronome *tu*, Leopardi, o poeta do Amor, em sua famosa poesia *A Silvia*:

Tu pria che l'erbe inaridisse il verno,
da chiuso morbo combattuta e vinta,
perivi o tenerella.....

Sergio Corazzini, poeta italiano do séc. XX, pertencente ao movimento dos *Crepuscolari*, usa o *Voi* em *Dialogo di marionette*, a sugestiva poesia que segue:

[...] Perché mia piccola regina
mi **fate** morire di freddo?
[...] **Vi** sembra?”
[...] Io non ricordo, mio dolce amore.... **Ve** ne andate?...

5. Conclusão

Concluimos este nosso breve escrito com a pergunta: - *Enfim como classificar a gramática e sua história?* A gramática é algo de muito mais completo e complexo de quanto possa parecer em um primeiro momento, pois é lingüística quando indaga a origem e o desenvolvimento da língua que estuda; é dicionário quando registra, nos paradigmas e nos exemplos, muitas palavras; é história quando trata da etimologia; é métrica, e até certo ponto retórica, especialmente quando discursa a respeito das figuras gramaticais.

Nosso objetivo aqui era o de traçar uma rápida panorâmica desde o latim até o início da gramaticalização italiana, detendo-nos brevemente na evolução dos pronomes pessoais de respeito, levando em consideração o processo de mudanças de linguagens causadas pela inevitável evolução das línguas em todas as suas categorias e, conseqüentemente, principal motivo de criação de novas gramáticas que acompanham tal evolução, pois a História da Gramática, de qualquer língua, nunca é tecida com os mesmos fios.

6. Referências bibliográficas

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

BEMBO, Pietro. *Prose della volgar lingua*. Torino: Tipografia Carlo Accame, 1931.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora Ltda, 1976.

_____. Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. *Dispensos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações, 1972.

CORNAGLIOTTI, Anna. *Elementi di grammatica storica italiana*. Torino: Il segnalibro, 1988.

CUNHA, Celso. *Língua, Nação, Alienação*. Coleção Logos. Editora Nova Fronteira, RJ – 1980.

DARDANO, M. & TRIFONE, P. *La Lingua Italiana*. Zanichelli, Bologna, 11ª ristampa, 1991.

GUAITA, Marco (a cura di) *Compendio di grammatica storica italiana*. Milano: C.U.S.L.-Cooperativa Universitaria Studio e Lavoro, 1988.

GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni Pulcinelli (orgs.). *Língua e Cidadania: O Português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso do confronto: velho e novo mundo*. Campinas: Editora da UNICAMP., 1990.

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica Storica della Lingua Italiana e dei suoi Dialetti – Morfologia*. Trad. Temistocle Franceschi. Torino, Giulio Einaudi Editore, 1968.

SENSINI, Marcello. *La grammatica della língua italiana*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.P.A., 1995.

SERIANNI, Luca. *Appunti di grammatica storica italiana*. Roma: Bulzoni Editore, 1995.

SIGUAN, Miquel - *A Europa das Línguas*, 1ª ed., Terramar Trad: Alexandra Borges de Sousa. Lisboa.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da filologia portuguesa - 2ª ed.* Revista e ampliada por Evanildo Bechara e Joram Pinto Lima. RJ. Grifo Ed. 1976.

TRABALZA, Ciro. *Storia della grammatica italiana*. Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1908.